

Educação em Saúde na escola: um ensaio sobre aspectos do currículo, do ensino e da aprendizagem

Health Education at school: an essay on aspects concerning the curriculum, the teaching and the learning

Julio Cesar Bresolin Marinho

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus São Gabriel, RS, Brasil
juliomarinho@unipampa.edu.br

Resumo

A Educação em Saúde (ES) é um campo de estudo que se constitui pela fusão de aspectos oriundos da área educacional e da saúde, mantendo relação estreita com a escola. Esse trabalho configura-se como um ensaio crítico que visa discutir aspectos pedagógicos da ES na escola, e para isso elencamos três ênfases: questões curriculares, metodologias de ensino e de aprendizagem. Em relação ao currículo, evidenciamos que a ES é contemplada de forma esporádica, tendo um lugar periférico nos currículos. Sobre as metodologias de ensino constatamos que as atividades investigativas e aquelas contextualizadas acabam sendo mais significativas para o trabalho da ES. Sobre a aprendizagem, para que tenha mais significado, é necessário irmos além da mudança comportamental e capacitar os alunos a tomarem consciência de suas ações, para que seja possível significar, construir e transformar suas percepções. Assim, concebemos que o modo de estruturação da ES na escola deve residir no que visa uma compreensão.

Palavras chave: Educação em Saúde, currículo, aprendizagem, escola, ensaio

Abstract

Health Education (HE) is a field of study comprised by the merging of aspects coming from the educational and health areas, keeping a close relationship with the school. The present work is arranged as a critical essay aimed to discuss pedagogical aspects of HE at school. In order to do so we mentioned three emphasis: curriculum issues, teaching methodologies and learning. Concerning the curriculum, we highlight that HE is sporadically included, having a remote place in the curricula. We notice about the teaching methodologies that the investigative activities and those contextualized ones end up being more significant for the HE work. About learning, in order to be more meaningful, it is necessary to go beyond the behavioral change and enable the students to be aware of their actions so that they can provide meaning, can construct and can transform their perceptions. Thus, we see that the HE structure at school shall aim at the understanding of it.

Key words: Health Education, curriculum, learning, school, essay

Apresentação do ensaio

A Educação em Saúde (ES) emerge nos anos 50 (CARDOSO DE MELO, 1981). Para Schall e Struchiner (1999, p. 4) ela reside em “um campo multifacetado, para o qual convergem diversas concepções, das áreas tanto da educação, quanto da saúde, as quais espelham

diferentes compreensões do mundo, demarcadas por distintas posições político-filosóficas sobre o homem e a sociedade”. A partir desta concepção, a ES se constitui pela fusão de aspectos oriundos do campo educacional e da saúde, constituindo, assim, um campo de diversas faces.

O campo de estudos da ES, possuindo este caráter multifacetado, permite que imperem variados entendimentos sobre tal expressão. A concepção que estamos adotando se aproxima da ideia de Mohr (2002), a qual concebe a ES como consistindo nas atividades que compõem o currículo escolar, que apresentam uma intenção de caráter pedagógico, a qual contenha relação com o ensino e aprendizagem de assuntos ou temas correlatos com a saúde. Essa autora ainda visualiza as propostas curriculares, projetos pedagógicos da escola ou planos de ensino dos professores como um ponto de relação, no qual é possível perceber esta intencionalidade pedagógica.

Ao que tange a inserção da ES na escola brasileira, Marinho e Silva (2013), realizam uma retrospectiva histórica na qual apontam que essa inicia-se com a Lei 5.692 de 1971. Tal lei apresentava a obrigatoriedade da inclusão de Programas de Saúde nos currículos escolares. Em 1996, a Lei 5.692 foi revogada em virtude da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 1996). Nesta, os programas de saúde foram suprimidos, e não é encontrada nenhuma questão pedagógica referente à ES. No entanto, Marinho e Silva (2013) destacam que em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é possível observar que a saúde se apresenta de forma explícita em dois volumes. Os autores assinalam que primeiramente ela emerge no PCN de Ciências Naturais (bloco temático ser humano e saúde) e também é elencada como um dos cinco temas transversais.

Podemos evidenciar que as questões de saúde mantém estreita relação com a escola, seja por meio da legislação e programas, seja pela prática dos professores em sala de aula. Desse modo, procuramos, nesse ensaio crítico, discutir alguns aspectos pedagógicos da ES na escola, e para isso elencamos três ênfases: as questões curriculares, as metodologias de ensino e as questões correlatas à aprendizagem dos alunos. O trabalho caracteriza-se como um ensaio, pois procura expor de forma “lógica e reflexiva e em argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal” (SEVERINO, 2007, p. 206) de alguns aspectos pedagógicos da ES na escola.

Questões curriculares e a ES

Na apresentação, visualizamos que as questões de saúde possuem espaço nos currículos oficiais, visto que se encontram no bloco temático “ser humano e saúde” do PCN de Ciências Naturais e também caracterizam-se como um tema transversal. No entanto, em um estudo com professoras de anos iniciais, Marinho, Silva e Ferreira (2015, p. 437) evidenciam que o trabalho com as questões de saúde na escola carecem de “sistematização, de ações e práticas, pois o que ocorre é a realização de atividades esporádicas quando, eventualmente, percebe-se alguma problemática, tornando o tratamento do tema uma coisa separada da organização das aulas”. O pensamento dos autores aponta que os conteúdos de saúde não estão no programa das escolas, nem nos planejamentos dos professores, pois não são concebidos como conteúdos de ensino legítimos. Dessa forma, a ES acaba por não ter “espaço no currículo e acaba por ser trabalhada de forma isolada, desvinculada da prática educativa” (MARINHO, SILVA e FERREIRA, 2015, p. 440).

Podemos nos questionar sobre essa falta de espaço dos conteúdos de saúde no currículo, pois, como apontamos, no documento oficial – PCN¹, a saúde tinha um lugar de destaque, mas como não aparece no currículo das escolas para serem trabalhados pelos professores? Podemos analisar tal fenômeno na perspectiva de Sacristán (1998), o qual compreende o currículo como processo e aponta que existe um currículo prescrito e regulamentado, o qual apresenta os conteúdos ordenados conforme as disposições administrativas, configurando, assim, os documentos curriculares, como são os PCN; mas, para o autor, existe também: um

¹ Documento curricular nacional oficial anterior a homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

currículo planejado; um currículo organizado no contexto de uma escola; um currículo em ação; e, um currículo avaliado. Concebemos, a partir disso, que é o currículo em ação que pode explicar a postura dos docentes em trabalharem os conteúdos de saúde de forma desvinculada da prática educativa. Para Sacristán (1998) o currículo em ação refere-se ao conjunto das tarefas de aprendizagem que os alunos realizam, as quais podem ser analisadas a partir de seus cadernos e na interação em aula e que são, em parte, reguladas pelos planos dos professores. Nessa linha de pensamento, Silva e colaboradores (2016, p. 106) constataam que “o currículo produzido, legitimado e verdadeiramente empregado não é aquele que consta nos documentos, nos livros didáticos e nas previsões legais, mas que habita um imaginário coletivo”. Pelo que podemos compreender, no imaginário coletivo dos professores participantes do estudo de Marinho, Silva e Ferreira (2015), a temática da saúde não é legitimada para ter espaço no currículo, e por isso aparece de maneira esporádica, principalmente quando se evidencia alguma problemática.

Na contramão dessa ideia de que a ES ocorre por meio de atividades esporádicas, desvinculadas da prática educativa e do currículo oficial, Marinho, Silva e Ferreira (2015) evidenciaram que os discursos que instituem as orientações curriculares da Educação Básica, acabam possuindo força e circulam dentro da escola. Os professores, participantes do estudo dos autores, relataram que se o conteúdo encontra-se descrito, especificado nas orientações curriculares, acabam definindo se tal será ou não trabalhado durante o ano letivo. Silva e colaboradores (2016) acreditam que os professores, por vezes, utilizam o currículo como um instrumento de defesa alegando que ele é inflexível, inegociável, isentando, assim, o professor de comprometimento com a tomada de decisões sobre o fazer de sala de aula. Assim, se os conteúdos referentes à ES não estiverem descritos nas orientações curriculares (principalmente as municipais e estaduais), correm o risco de não serem abordados, visto que o imaginário docente sobre o currículo compreende que ele é inflexível e inegociável.

Aspectos metodológicos das práticas de ES

Santos e colaboradores (2016), analisando a formação e a prática pedagógica de professores dos anos iniciais para o trabalho com questões de saúde, evidenciaram que, para alcançar seus objetivos, os professores, utilizam, de forma predominante, a aula expositiva, seguida de atividades lúdicas, trabalhos em grupo, utilização do livro didático, internet, aulas práticas e a metodologia por projetos. Inferimos que a aula expositiva não é a forma mais adequada para a abordagem da ES, pois ela possui limitações para um trabalho formativo que busque o protagonismo do sujeito ao que tange às questões de saúde. Concebemos que ela pode ser utilizada, mas de forma conjunta com outras modalidades, bem como com outros recursos, mas não de forma exclusiva.

Em um estudo colaborativo com professores dos anos iniciais, Marinho e Silva (2015a) evidenciaram que, para trabalhar com a ES em suas aulas, esses utilizavam histórias, parlendas e tirinhas com a intencionalidade de realizar uma primeira aproximação dos alunos com as temáticas de saúde a serem trabalhadas. Os autores interpretaram que tais estratégias foram elaboradas na tentativa de contextualizar as atividades. Acreditamos que contextualizar as atividades configura-se como uma forma interessante para iniciar o trabalho da ES, pois a contextualização é “compreendida como a utilização de situações reais, cotidianas e próximas do aluno permite a construção de significado e sentido para a aprendizagem dos conceitos científicos” (RUPPENTHAL e SCHETINGER, 2015, p. 201).

Além destas estratégias para contextualizar o ensino, atividades investigativas em relação à prática da ES podem apresentar inúmeras potencialidades. Marinho e Silva (2015a) mapearam algumas atividades investigativas planejadas por professores, e destacamos uma – análise de propagandas, rótulos e embalagens. Nessa, os autores evidenciam que a professora, ao utilizar as propagandas, os rótulos e as embalagens dos alimentos, tinha a intenção de permitir que os alunos analisassem esses materiais e, a partir de então, fossem capazes de realizar suas interpretações sobre as informações. Assim, em um processo investigativo, ela proporcionou subsídios para que os alunos compreendessem os assuntos relacionados à alimentação

saudável. Ao utilizar atividades investigativas na prática da ES acaba sendo possível desenvolver “habilidades cognitivas nos alunos, a realização de procedimentos como elaboração de hipóteses, anotação e análise de dados e o desenvolvimento da capacidade de argumentação” (ZÔMPERO e LABURÚ, 2011, p. 73).

Em oposição às atividades que procuram proporcionar sentido aos estudantes, seja por meio da contextualização ou da investigação, Marinho e Silva (2015a) observaram que as atividades de ES, muitas vezes, encontram-se voltadas para uma ação de cunho prático, direcionadas apenas para um fazer. Os autores concebem que isso acontece pelo fato de que, na escola, inúmeras situações práticas são realizadas, como, por exemplo – a higienização das mãos. Ao trabalhar a ES por meio dessas ações práticas, os autores evidenciam que a intenção das professoras reside em fazer com que os alunos tenham um comportamento correto. Para Mohr (2002), esse enfoque é caracterizado como dogmático, visto que o interesse do professor está em que o aluno aja conforme o que ele determina. A autora constata que muitos professores não distinguem entre um processo educativo, uma instrução ou um treinamento. Agindo desse modo, as atividades de ES acabam se distanciando de princípios educativos e acentuando um caráter instrucional, que pouco significado proporciona aos alunos.

A aprendizagem da ES

Marinho e Silva (2015b) analisaram que, na maioria das vezes, uma aprendizagem “prática” da ES é o que acaba sendo valorizada pelos professores. Os autores acreditam que isso se relaciona com a forma como a ES é geralmente trabalhada na escola, visto que se utilizam de situações práticas, como, por exemplo, o momento do lanche e da higienização para trabalhar com a ES (MARINHO e SILVA, 2015a). Ao focarem nessas ações, acabam utilizando-as como indicadores para a avaliação da aprendizagem, ou seja, julgam se o aluno aprendeu pelo fato de ele saber fazer a ação, independentemente da sua compreensão. Isso indica que “a aprendizagem decorrente das ações práticas reflete uma ânsia de uma mudança comportamental, através da modificação de hábitos” (MARINHO e SILVA, 2015b, p. 223).

Concebemos que a mudança de comportamento não é suficiente para a compreensão/aprendizagem do sujeito e acaba inviabilizando o desenvolvimento da ES com enfoque formativo (MOHR, 2002). Então, como superar essa visão dogmática de que devemos produzir hábitos e comportamentos nos estudantes? Para uma aprendizagem significativa de aspectos da saúde, concordamos com Marinho e Silva (2015b), os quais apostam na importância da tomada de decisões pelo próprio indivíduo. Para isso, concebem que é necessário que o professor possibilite que os alunos tenham consciência de suas ações nas situações que envolvem questões de saúde.

Acreditamos que ao tomarem consciência, os alunos poderão compreender o porquê da importância de realizar determinadas ações e não outras em prol de sua saúde. Rosso, Becker e Taglieber (1998) concebem que quando se trata da aprendizagem, o professor deve fazer com que as ações não sejam mecânicas, separadas do pensamento, mas que se constituam como uma unidade inseparável da estruturação mental e da reflexão para assim se constituir numa ação interiorizada, na qual o aluno possa significar, construir, transformar, incorporar, modificar o mundo em que vive e atua. São esses fundamentos construtivistas que julgamos que devem ser levados em conta para pensar a aprendizagem da ES.

Considerações finais

Ao finalizarmos a explanação dos três aspectos pedagógicos da ES elencados para discussão nesse ensaio (questões curriculares, metodologias de ensino e de aprendizagem), podemos realizar algumas considerações, bem como apontar algumas implicações para o campo da Educação em Ciências.

Em relação ao currículo, evidenciamos que esse aspecto necessita de mais discussão entre os docentes, principalmente ao que tange à ampliação de sua compreensão sobre o que são conteúdos, para que possam compreender que a ES faz parte do currículo. Para o campo de investigação da Educação em Ciências, acreditamos ser necessária uma análise crítica das habilidades contidas na BNCC, para que seja possível assimilar como a ES está, ou não contemplada nesse novo documento curricular.

Ao que tange os aspectos metodológicos pode-se observar que as atividades investigativas e aquelas que visam à contextualização acabam sendo mais significativas para o trabalho com a temática da saúde. As atividades voltadas para o trabalho com ações práticas cotidianas da escola, de caráter dogmático, que visam apenas um comportamento correto, acabam apresentando pouco significado aos alunos. Nesse entendimento, para uma aprendizagem da ES com mais significado, temos que avançar para além da mudança de comportamento e capacitar os alunos para que tomem consciência de suas ações, significando, construindo, transformando suas percepções.

Para finalizar, concebemos que o modo de estruturação da ES na escola deve residir no que visa uma compreensão (MARINHO e SILVA, 2018). Para os autores, nesse modo de estruturação, a saúde é concebida como um bem-estar em um conjunto, levando em conta o físico e o mental; possui lugar legítimo no currículo, e a percepção transversal e interdisciplinar da questão é levada em conta; as práticas educativas são organizadas de forma articulada entre profissionais da saúde e professores para a organização das atividades, o diálogo e as atividades com caráter investigativo são técnicas profícuas para o alcance dos objetivos; a aprendizagem foca em uma mudança de pensamento, na qual várias possibilidades são apresentadas, oportunizando a escolha e favorecendo o desenvolvimento da autonomia do sujeito.

Referências

- CARDOSO DE MELO, J. A. Educação sanitária: uma visão crítica. In: CANESQUI, A. M.; CAMARGO, E. S. P.; BARROS, M. B. **Educação e saúde**. São Paulo: Cortez, 1981. P. 28-43 (Cadernos do CEDES, 4).
- MARINHO, J. C. B; SILVA, J. A. Conceituação da Educação em Saúde e suas implicações nas práticas escolares. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 6, n. 3, p. 21-38, 2013.
- _____. Modos de organização e implicações das práticas educativas de Educação em Saúde. **Acta Scientiae**, v. 17, n. 1, p. 213-234, 2015a.
- _____. Concepções e implicações da aprendizagem no campo da Educação em Saúde. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**, v. 17, n. 2, p. 351-371, 2015b.
- _____. Os modos de estruturação da Educação em Saúde na escola. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 3, p. 711-731, 2018.
- MARINHO, J. C. B; SILVA, J. A.; FERREIRA, M. A Educação em Saúde como proposta transversal: analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais e algumas concepções docentes. **Historia, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 22, n. 2, p. 429-443, 2015.
- MOHR, A. **A natureza da Educação em Saúde no Ensino Fundamental e os professores de Ciências**. Santa Catarina. Tese (Doutorado). Programa de Pós- Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.
- ROSSO, A. J.; BECKER, F.; TAGLIEBER, J. E. A produção do conhecimento e a ação pedagógica. **Educação e Realidade**, v. 23, n. 2, p. 63-82, 1998.
- RUPPENTHAL, R.; SCHETINGER, M. R. C. A contextualização e as atividades práticas como estratégias no ensino do sistema respiratório para alunos do Ensino Fundamental. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 14, n. 2, p. 200-222, 2015.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise da prática? In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GOMES, A. I. (Orgs.). **Compreender e transformar o ensino**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 119-148.

SANTOS, M. E. T.; SOARES, C. B.; ESCOTO, D. F.; SOUZA, D. O. G.; COPETTI, J.; SILVEIRA, M. G. S.; LARA, S.; FOLMER, V. Tema transversal saúde no contexto escolar: análise da formação e da prática pedagógica docente nos anos iniciais da Educação Básica. **Revista Ciências & Ideias**, v. 7, n. 1, p. 85-101, 2016.

SCHALL, V. T.; STRUCHINER, M. Educação em Saúde: novas perspectivas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, suppl. 2, p. S4-S6, 1999.

SILVA, J. A.; TAUCHEN, G.; MARINHO, J. C. B.; SILVEIRA, J. B. O currículo dos anos iniciais: campo de tensão e controvérsias. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 99-112, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ZÔMPERO, A. F.; LABURÚ, C. E. Atividades investigativas no Ensino de Ciências: aspectos históricos e diferentes abordagens. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**, v. 13, n. 3, p. 67-80, 2011.